

PARANÁ | AGOSTO DE 2011 | EDIÇÃO 12

Relevo

*Tati Bernardi
Yasmin Taketani
Homero Gomes
Daniel Zanella
Nelson Lucyszyn
Carol Araujo
Breno Peralta
Raul Passos*

Taciana Gayer

Relevo

Editorial

“Todos têm o seu encanto: os santos e os corruptos.”

Mario Quintana,
Em *Do mal e do bem*

Ainda é turva a relação entre o jornalismo impresso tradicional e a internet. É difícil fazer subir a neblina. Nessa via, são duas as correntes translúcidas: de um lado temos os desenvolvimentistas, a venerar todos os lançamentos tecnológicos e cantar sobre o melhor dos tempos, revoluções por minuto. [Desse lado do oceano, também os profetas do fim do impresso e do livro.] Na mão contrária, encontramos os defensores mais ferrenhos do impresso e do seu caráter de permanência, a divulgarem dados de que após os sucessivos knock downs da internet na circulação e im-

portância dos impressos nos anos 00, ele voltou a crescer – o que de fato, só se reflete nos países emergentes. Nos EUA e na Europa, segue o ritmo de queda acentuada.

O Relevo, adepto de um processo mais sereno de convergência entre o impresso e as mídias virtuais, acredita que o jornalismo diário impresso, nos moldes atuais, é um escombro a céu aberto, totens incapazes de ler a velocidade do mundo, muito por conta de suas próprias limitações específicas (fechamento, gráficas, notícia estancada no papel). Um modelo de mais notícias

e lides, menos análises e profundidade.

Também questionamos a supremacia da internet como meio de informação oficial. Lê-se realmente muito, entretanto fragmentos de notícias, recortes imediatos, a informação pouco comprometida com a veracidade – se for mentira o que publicamos, não há de que reedita-se o post, fazemos outro. –

Nesse meio de campo, o cronista: alguém capaz de traduzir um pouco do caos e do espírito de seu tempo.

Uma boa leitura a todos.

Apoio Cultural



Colaboradores

Raul Passos

Musicista e tradutor de francês radicado em Curitiba. Publica seus textos e composições nos endereços raulpassos.blogspot.com e raulpassos.mus.br

Tati Bernardi

Escritora e roteirista paulista. Publica seu portfólio no endereço tatibernardi.com.br

Yasmin Taketani

Cursa 6º período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço thepandaseyes.wordpress.com

Daniel Zanella

Cursa 4º período de Jornalismo na UP. Integra algumas coletâneas por editoras independentes, publica suas crônicas em impressos da região metropolitana e no endereço letrasnumcanto.com.br

Marcos Monteiro

Cursa 4º período de Jornalismo na UP. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Taciana Gayer

Fotógrafa e empresária araucariense. Publica seu portfólio no endereço taci.com.br

Homero Gomes

Escritor curitibano, autor de “Sísifo Desatento”, livro de contos finalista do Prêmio Sesc de Literatura, de 2007. É editor do coletivo literário Jamé Vu. Publica seus textos no endereço jamevu.tumblr.com

Nelson Lucyszyn

Músico e escritor, integrante da banda Trip Deluxe. Publica seus textos no endereço tripdeluxe.wordpress.com

Breno Peralta Martinho

Escritor londrinense, estudante de Letras. Publica seus textos no endereço califasia.blogspot.com

Carol Araujo

Designer gráfico paulistana. Publica seus trabalhos no carolinedesigner.blogspot.com

Os Flamboyants

Ela saiu da caminha e veio me acordar. Sacudiu-me, eu acordei, sorri para ela, ela me disse: “Papai, quando você morrer você vai sentir saudades?” Fiquei pasmo, sem saber o que dizer. Mas aí ela me salvou: “Não chore porque eu vou abraçar você...”

Rubem Alves

✓ Expediente

Edição: Daniel Zanella

Revisão: Kelly Knopik

Diagramação: Marcos Monteiro e Daniel Zanella

Fotógrafo responsável: Marcos Monteiro

Impressão: Gráfica Helvética

Tiragem: 2000

Edição finalizada em: 30 de julho, 20h.

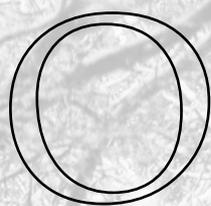
☞ Contato

Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo | Facebook: Jornal Relevo
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com



O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.

Daniel Zanella



Pescador

Taciana Gayer

Meu avô me dê licença, pra essa história contar. Sou um bom tanto impertinente e o senhor já bem dizia que se respeitava mais antes. Quero dizer que detesto pescaria de beira de rio. Não vou. Conheço quem vai e gosta. Não gosto. Não aprecio o silêncio pescador das ribeiras. Vi um pescador beira-mar dia desses e conversei um pouco com ele. Ao final da tarde, o molinete a pescar pequenos peixes, a praia vazia, morrendo de suas ondas de vento e de luz.

Não que a pesca em alto-mar me motive a sair da beira da praia. Aqui, nesta praia de mulheres de todos os tipos, homens de sunga apertada desfilando como se não respirassem, grávidas sempre lindas andando de modo comedido, a vida oferece maiores atributos. (A beleza só existe porque é preciso o comum, a beleza só existe porque é preciso o comum.) A cerveja acompanha quem junta, a fome espreita de um jeito menos drástico, até quem não sorri parece maior de mundo. E acaba de passar uma morena capaz de derrubar o pôr-do-sol.

Pescaria. Pesquei uma vez só na vida. Foi em Santa Catarina, na companhia de meu avô e mais alguns parentes que não lembro direito. Devia ter uns onze anos. Sei que até chegar ao rio com o jipão amarelo foram necessárias algumas descidas do veículo para retirá-lo dos atoleiros. O jipe atolava e muito. Chegamos ao local da pescaria quase de noite. Montamos as barracas, o que acabou por configurar a primeira de minhas inadequações pesqueiras. Tenho, não nego, sérias restrições em relação à montagem e funcionamento das coisas novas. Principalmente as coisas simples. A feitura, os métodos, os jeitos, como faz pra fazer, tudo o que me é estranho e novo é universalmente preocupante. Meu avô montou bem rápido a sua barraca e logo foi preparar o café e a fogueira. Gosto de fogueira e café, mas não gostei do ar impaciente de meu avô ao ajudar-me na montagem de minha barraca. Ele sempre desconfiou de minha capacidade para executar atividades elementares, o que, de fato, nunca foi uma acusação velada injusta. Várias vezes, quando morava em sua casa e almejava viver de jogar futebol, ele tentou cooptar-me a ajudá-lo na mecânica do fundo da casa. Nunca conseguiu. Até me deu livros sobre radiadores e pistões. Uma das edições era da década de sessenta. Minha avó sempre comentava com as visitas um tanto surdas sobre essas aversões práticas do neto. Nunca na minha frente.

A pescaria. O dia amanheceu no acampamento antes da fagulha sucinta que abre a manhã e deposita o tempo. A noite até que passou rápido, já que eu não bebia, não podia integrar a mesa de cartas e não havia mulheres. Logo estávamos a instalar as redes na marginal do rio, um rio calmo açodado de mato vicejante e águas barrentas. Cada um recebeu a sua rede, distribuídas por meu avô. Sucede-se que ao tentar expandir os tentáculos da rede acabei enrolando-a ainda mais, até que acabei por derrubá-la no chão e me cortar de uma forma pouco ortodoxa. Fui, a modo de punição exemplar, preterido temporariamente da pescaria. Todos, após algumas horas de táfalo e cerveja, pescaram algo e limparam suas tripas. Enquanto isso, fiquei a ler uma velha edição de Dom Quixote. Tinha lá um título que me marcou: A Novela do Curioso Impertinente.

O título preencheu-me diante das frustrações do dia. De algum modo, aquela pescaria expandiu-se dentro de meu campo de experiências duradouras.

O pescador Irineu, cabelos brancos que o mar não pode agarrar, diz que todo dia às seis da tarde está à beira-mar para estender seu molinete. É uma tradição que remonta ao amor de seu pai pelo mar. Disse-me coisas de uma natureza tranquila, ao inverso de minha ansiedade demônios do silêncio revoltosos de algum convite de pescaria.

Se um dia eu morrer aqui, sentado nessa cadeira, pescando e observando o movimento das coisas, acho que está bom.

Faz um morrer de sol incondicional agora.

PROCESSO SELETIVO AIESEC 2011

CHALLENGE YOURSELF! JUMP EVEN HIGHER!

A AIESEC É A MAIOR ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL FORMADA E GERIDA POR JOVENS UNIVERSITÁRIOS E RECENTEMENTE GRADUADOS. ESTÁ PRESENTE EM CERCA DE 110 PAÍSES E CONTA ATUALMENTE COM 55 MIL MEMBROS VOLUNTÁRIOS COM O OBJETIVO DE DESENVOLVER O POTENCIAL DE LIDERANÇA ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS DE INTERCÂMBIO E DO TRABALHO DENTRO DA ORGANIZAÇÃO, PARA CAUSAR IMPACTO POSITIVO NA SOCIEDADE E DESENVOLVER-SE NA ÁREA DE GESTÃO. FAÇA SUA INSCRIÇÃO PARA O PROCESSO SELETIVO.

INSCRIÇÕES ABERTAS ATÉ DIA 24/08

MAIORES INFORMAÇÕES SOBRE A AIESEC E INSCRIÇÕES PARA O PROCESSO SELETIVO, ACESSO O SITE:

WWW.AIESEC.ORG.BR/CURITIBA

CONTATOS: 3360.4426

AIESEC.CURITIBA

@AIESEC_CURITIBA

AV. PROF. L. MEISSNER, 3400, CENTRO DE CONVIVÊNCIA CAMPUS JARDIM BOTÂNICO UFPR

Papelaria Independência

• Material Escolar • Material para Escritório

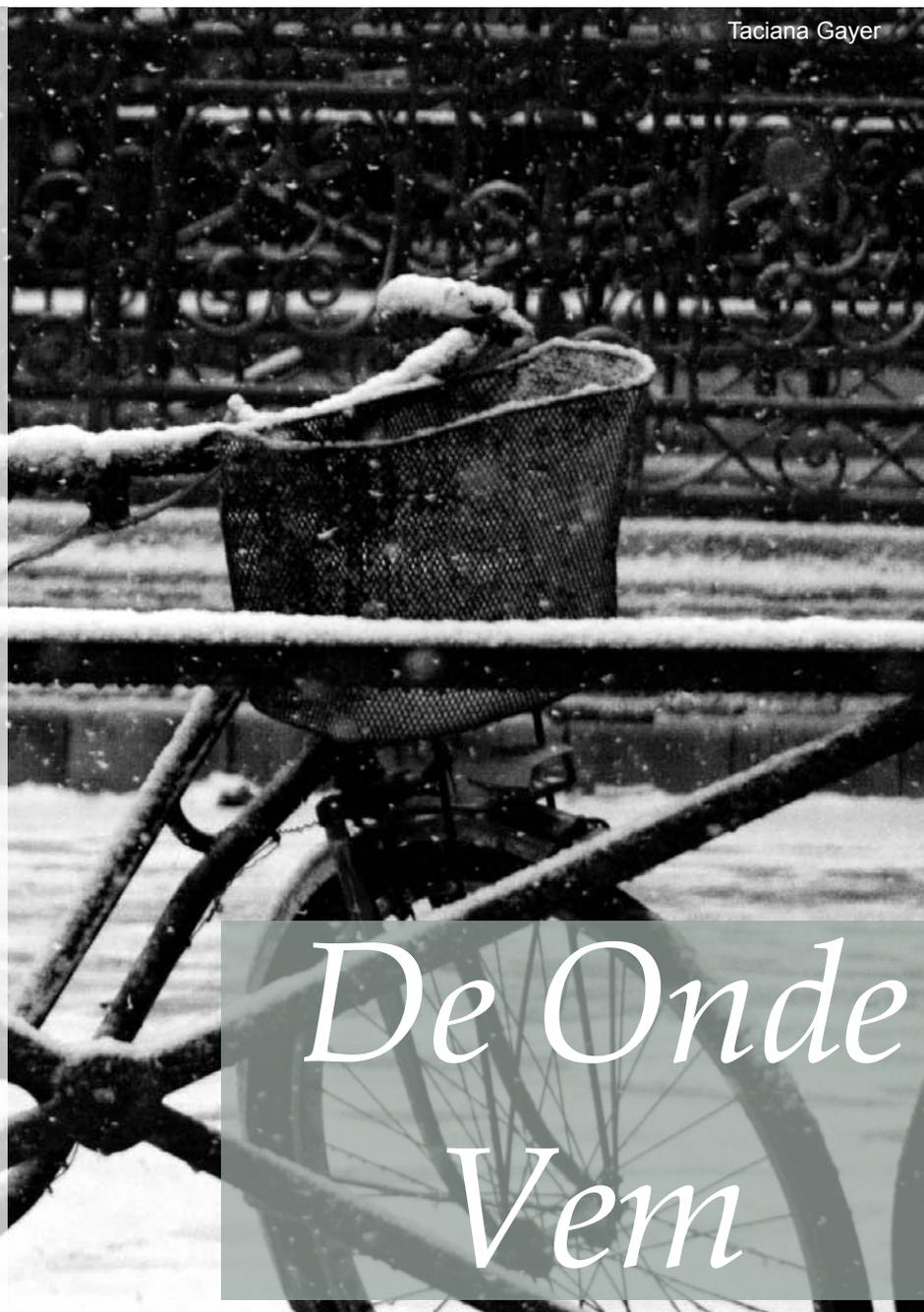
FONE/FAX: 41 3462-8858
m.opis@hotmail.com

Av. Independência, 542 - Porto das Laranjeiras - Araucária/ PR

Terça-feira, 28/06 às 20:00 hs.

- tudo bem filho? tua mãe disse que você tava com dor de cabeça, melhorou?
- tá melhorando.
- mas você se alimentou bem hoje, almoçou?
- aham
- (alguns minutos de silêncio)
- pai, hoje aconteceu um negócio muito ruim na escola.
- o que foi, me conte?
- no fim da aula a namorada que eu mais gostava, de todas, terminou comigo. foi tão ruim, parece que deu até uma dor no coração.
- a namorada que você mais gostava? aquela que mora na tua rua? (ele havia me contado sobre a vizinha algumas semanas antes)
- não, é outra pai...essa é uma menina da outra terceira série lá do meu colégio.
- ah tá...mas e por que essa era a que você mais gostava filho?
- não sei pai, mas ela era diferente...quando a gente ficava era muito melhor...
- ficavam?! mas como vocês ficavam, vocês se beijavam e tal?
- não pai. a gente ficava junto...brincava
- (como a gente tropeça querendo entender as crianças por uma ótica que não pertence a elas...acho que a gente esquece totalmente de como via o mundo quando tinha oito anos)
- mas filho, fale mais um pouco, por que você acha que ela era diferente?
- (mais uma pergunta besta, como se eu soubesse essa resposta se me perguntassem)
- ah pai, quando a gente brincava junto era diferente de tudo, eu não sei explicar. era melhor do que com todas as outras...mas agora ela não quer mais namorar comigo, terminou. e foi muito ruim quando ela disse que não queria mais. pode ter sido isso que me deu dor de cabeça né pai?
- é, pode ser filho...mas e por que você acha que ela terminou?
- tava tudo bem, mas tinha uma amiga chata dela, que ficava falando pra ela terminar...mas eu descobri que a amiga dela ficava falando isso porque gostava de mim.
- que sacanagem hein, mas e a tua namorada não descobriu isso?
- descobriu, elas até brigaram. ela veio me pedir desculpa depois, mas ela já fez isso tantas vezes...termina depois quer voltar. mas dessa vez eu não vou voltar. mas eu tô triste pai...
- é meu filho, eu sei como é, mas vai passar. logo logo vai aparecer outra que você vai achar diferente também, e aí você esquece...
- será pai?
- claro, tenho certeza!
- (afirmei querendo também acreditar)

Taciana Gayer



De Onde Vem

Nelson Lucyszyn

Toda Letra

CONSULTORIA EM LÍNGUA PORTUGUESA

PROGRAMAÇÃO DO MÊS

Curso de Oratória
Curso de Redação Empresarial

Revisão de TCC's,
Monografias,
Dissertações
e Teses



www.todalettra.com.br



facebook.com/todalettra



[@TodaLetra_](https://twitter.com/TodaLetra)



contato@todalettra.com.br

Taciana Gayer

Tati Bernardi

Eu preciso saber

A recaída de amor acontece como num daqueles pesadelos que se está caindo. De repente você acorda sentado na cama: Meu Deus, eu preciso saber! Mas se eu já estava tão bem há semanas. Volte a dormir, volte a dormir. Você já tinha decidido lembra? Nada a ver com você, chato, bobo, não deu certo. Mas eu preciso saber. Não, não precisa. Pra quê? Vai te machucar. Não! Eu preciso saber. Então levanto da cama.

Facebook, a desgraça em formato de parquinho virtual. Nome dele, aparece a foto azulada e ele de perfil. É tão bonito. Mas não há mais nada que eu possa ver. Nos deletamos mutuamente pra evitar justamente esse tipo de inspeção noturna.

Mas isso não vai ficar assim. Ligo pra nossa amiga em comum. Ela não atende, afinal, são duas da manhã. Mando mensagem "me manda sua senha do Facebook agora ou vou ficar te ligando até amanhã cedo". Ela manda a senha e um palavrão. Acesso. Vamos ver. Eu preciso saber. Eu preciso. Então vejo que ele não posta nada há cinco semanas. Fotos, fotos. A única foto nova é o flyer de uma festa que eu fui e ele não estava. Nada.

Jogo o nome dele no Google. Aparece uma foto dele alcoolizado dando entrevista em uma festa de mídia. Como é lindo. Tento o Twitter, mas ele só escreve piada de político. Tento o Facebook, Twitter e blogs de amigos. Está ficando tarde. Se eu tivesse essa mesma concentração e minuciosidade e empenho e energia para o trabalho estaria rica. Estou retesadamente motivada e atenta. Mas não consegui nenhuma informação e eu ainda preciso saber.

São seis da manhã. Estou cansada. Coloco a música de quando você forçou a porta do quarto e entrou. Black Swan. Não sou boa de inglês como você, mas sei que é a história de algo que já começou fodido porque cresceu demais antes da hora, você que pegue um trem e suma daqui. Que bela música pra começar. Ok, agora estou

chorando. Lembrei que eu me sentia tão viva com você me olhando bem sério e bem no fundo dos olhos e machucando meu braço. Sim, é definitivamente uma recaída e eu acabo de decidir que te amo mais do que tudo no universo e que amanhã, ou hoje, porque já são sete e meia da manhã, vou resolver isso. Agora preciso dormir só um pouquinho.

Volto pra cama. Coração disparado. Não tem posição na cama. O que eu faço? Não tô a fim de ler, não tô a fim de ver TV. Aquelas outras coisas que se faz pra acalmar me dão preguiça agora, minha imaginação está indo toda para traçar um plano para que eu descubra. Descubra o quê? Não sei, mas sei que algo está acontecendo, ou eu não estaria assim. Porque eu sinto quando ele está com alguém, sabe? Eu sinto. Sim! A cartomante!

Ligo pra Zuleide. Você atende hoje? Mas é domingo, Tati! Atende? Só se for por telefone. Tá bom, então joga aí: ele está com alguém? Mas Tati, você quer mesmo saber isso? Quero, mulher. Eu preciso saber. Joga aí: ele está com alguma puta? Tati, eu não posso perguntar isso pras cartas. Pergunta aí: ele tá com alguma piranhuda desgraçada vagabunda vaca dos infernos? Zuleide pede desculpas e desliga. Preciso do Lexapro, mas ele acabou há semanas, igual meu amor. E agora, de repente, preciso tanto dos dois novamente.

Você acha que ele está com alguém? Não sei, Tati, eu ainda tô dormindo, posso te ligar mais tarde? Você acha que ele está com alguém? E se estiver, Tati, quer ir ao cinema mais tarde? Você acha que ele está com alguém? Putz, sei lá, homem sempre tá comendo alguém, né? Você acha que ele está com alguém? Tati, do jeito que ele gostava de você? Claro que não!

Chega, chega. Preciso me acalmar. Pra que isso? Se ele estiver com alguém agora, e daí? Terminamos, não terminamos? Ele e eu não temos nada a ver, certo? Decidimos que era melhor assim, certo? Eu não tava bem com ele e nem ele comigo, certo? Porque era bom e tal. Aliás, meu Deus, como era bom. Mas não era bom pra ficar junto, certo? Então pronto. Chega. Adulta, adulta. Qual o problema se ele estiver agora, justamente agora, lambendo a virilhezinha de alguma desgraçada? Qual o problema? Ok, eu posso morrer. Eu, definitivamente, posso morrer. Chega, vou acabar com essa palhaçada agora mesmo.

Tomo banho, me visto, pego a bolsa, entro no carro. Considerando que ele não mora em São Paulo, não sei exatamente o que eu pretendo com isso. Mas me faz bem enganar o cérebro e fazer de conta que estou indo atrás da verdade. Na verdade, vou só na casa de outro, preciso fazer qualquer coisa que não seja sofrer, mas não consigo. O outro não conhece Black Swan, não ri da história da Zuleide, não me aperta o braço.

Volto pra casa, destruída. Sinto tanto amor dentro de mim que posso explodir e bolhas de corações vermelhas atingiriam o Japão. Quase não consigo respirar. Chega, chega. Ligo pra ele. Ele não atende. Ligo de novo. Ele atende falando baixinho. Você está com alguém? Estou. Desligamos. Pronto, agora eu já sei. Depois de um final de semana inteiro de palpitações, descargas de adrenalina, músicas, textos, amigos, danças, gritos, sensações, assuntos, choros, dores, vida. Agora eu já sei.

O que eu nunca vou saber é porque faço tudo isso comigo só porque tenho tanto pavor do tédio. Era só isso o que eu precisava saber.

Raul Passos

Estudo Para

PINTURA

“...E me entornou o vinho (...)
- Da minha vinha o vinho acidulado e fresco...”
(Camilo Pessanha)

à Gabriela Kochanowski de Meo

Que é feito do linho azul constelado de estrelas
Onde meus sonhos brincavam sem lembranças?
Que é feito da terra de que eram feitos?

Que música estranha os dissolveu no tempo
Em esquecimento, areia e momento?
Quem os converteu em poesia
Em pálido qualquer deslumbramento?

O olhar desfigurado na pintura
é o meu afeto
- metonímia do sentimento absoluto
de saudade no retrato -

O menino sem rosto, sem paixão
é minha culpa
- lúgubre elegia escrita sobre a tela
no adeus - ...

A criança e o olhar, completamente
absortos na vigília do que já foi
Canção melancólica os faz difusos
E oblíquos de nostalgias
Por onde vão, amigos serenos
que a jornada faz tão cúmplices?
Aonde vos guiam seus amores?...

“Vinho estranho ao nosso afeto
De vapores tênues, velados
De aromas doces, perfumados
Veneno lúbrico e secreto
Ainda nos corrói de dores”

E assim, pondo unidas fantasias
Mãos dadas no sublime
Sigo os seus caminhos, piso os seus passos
Num tecido urdido de estrelas mornas, sonhos extintos
[e de momento
- culpa e afeto -
Em serena confissão.

Taciana Gayer

Homero Gomes

Meu ateliê pegou fogo

Meses atrás tive a felicidade de ver meu computador pessoal deixar de funcionar devido a uma pane incurável de suas memórias. A idade trouxe para meu equipamento e instrumento de trabalho a doença: meu PC estava com Alzheimer.

Mas ainda possuía meu notebook trabalhando diariamente. Forte e jovem, suportou a escrita de um romance inteiro, a reescrita de contos e poemas, a preparação de materiais didáticos, horas incessantes de audição de músicas e gravações de filmes, além de uma e outra navegada na rede.

Entretanto, até mesmo os peixes pequenos são pegos. Estou, por isso, resgatando os primeiros anos como aprendiz de escritor, quando preenchia meus cadernos e blocos com poemas e contos, com ideias e sonhos de grandeza.

Meu ateliê pegou fogo, mas nenhuma fumaça se fez. Não adiantaria água nem bombeiros, nada entrou em combustão. Nenhum dos aparelhos está na garantia e não tenho nenhum número para solicitar a presença de um técnico.

Será que minhas máquinas de escrever ainda respiram? Ou ainda sobrevivem por aparelho na UTI de decoração da casa? Ao menos, possuo canetas e um sofá confortável.



Carol Araujo

SimPlicidade

Cidade talhada em pedra e aço
 O cinza se confunde com rostos fechados
 Corpos aglomerados
 Num constante movimento não sincronizado
 O meio sorriso traduz gentileza
 A pequenina flor que desabrocha
 Em meio a pedras na escadaria de uma praça sem árvores
 O desenho na parede manifestando o puro e belo sentimento
 Do artista de rua, de casa, do morro, do asfalto
 Que poderá ser entendido, admirado,
 Incompreendido e criminalizado
 Por olhos e mentes passantes, num único instante
 São escassas e pequenas belezas que adornam a
 Imensa massa cinzenta
 Da cidade de blocos, vigas, cimento e sentimento
 Atitudes que iluminam
 Migalhas que alimentam
 Respingos que tingem
 As almas sedentas
 São simplicidades
 De felicidade
 Da nossa SimPles cidade

A minha crônica arqueja depois de pronta, uma mulher satisfeita com seu orgasmo. Sorri levemente com o canto da boca. Sujeito, verbos e objetos estão em perfeita harmonia. O verbo acalma o sujeito que não consegue se desprender do seu objeto. Este, vítima da guerra entre transitivos e intransitivos. Delimitados e definidos, os sujeitos rezam através de orações compostas. O ponto alto da pequena narrativa, pensamento de um personagem onírico que, tanto quanto o autor, é descontente com seus amores.

As palavras já estão traçadas no papel, a mensagem já foi enviada; o problema agora é de quem não ler. Eu já as retirei de meu âmago e coloquei-as na alma limpa e pura que corresponde a uma página em branco. E só pra constar, um brinde a ela! À beleza excelsa daquela que pode ser moldada, transformada. As palavras perfurando a página, nem sequer sente dor, ao menos uma lágrima seria bom, mas isso borraria a tinta da minha pena. Há palavras que parecem não pertencer a essa folha, perturbadas não respiram em sincronia com as outras, um leve risco por cima e elas se acalmam, sabem que não são uteis aqui. Elevo a folha mais alto do que eu, ponho-a sobre a luz fraca do meu lampadário, parece um céu cravejado de estrelas, é isso que elas são: estrelas. Com um brilho infinito, iluminando a todos, até mesmo aqueles que não se dão ao luxo de parar por um segundo e observar sua sublimidade.

Breno Peralta Martinho

Respirando...



Taciana Gayer

EXATO
 CENTRO EDUCACIONAL

Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial

Fone: (41) **3552-1542 / 3552-5895**

Cena do crime

Yasmin Taketani

Acho que caíram do bolso de alguém aqueles papezinhos que fazem as vezes de lista telefônica nos orelhões. São retângulos ilustrados por peitos ou bundas (ou ambos), incrementados por algumas palavras eróticas (que mais acabam sendo motivo de riso) e concluídos por um número de telefone, que pode ser fixo ou móvel – a tradicional propaganda de puta.

No ônibus eles formam uma trilha, que vai da catraca ao lado do motorista ao assento preferencial para obesos, gestantes, pessoas com criança de colo, idosos e deficientes, onde estou sentada.

Cada um dos passageiros a entrar no veículo, em pleno feriado, inevitavelmente olha para o chão e acompanha, num movimento contínuo, essa trilha erótica, passando pela loira, pela morena, pela mulata até chegar ao banco vermelho e ser pego de surpresa por meus olhos que riem e geram momentos de embaraço para os outros.

Discretamente (ou não) olho ao redor, analisando cada tipo sentado, à procura daquele de cujo bolso pudesse ter caído tanto peito e bunda. O motorista é meu principal suspeito, pois a todo o momento flagro-o observando o interior do ônibus pelo espelho retrovisor. Infelizmente, a ideia não dura muito, pois seria impossível uma cara de bunda e sono daquela conspirar algo do tipo.

Então me dou conta de que, talvez, aos olhos dos outros passageiros, seja eu a suspeita: essa guria sentada no centro da cena do crime, anotando algo no caderninho: os números de telefone da “gatinha molhada” e da “gostosa topa tudo”, com certeza! A situação estava divertida, mas chegou meu ponto e tenho que descer do ônibus. Caminhando vagarosa e distraidamente, penso na velhinha sentada atrás de mim, e que podia muito bem ser a panfletária das putas. A ideia se desenvolvia muito bem, até eu tropeçar e quase cair de boca na calçada.

Mas é feriado e não há ninguém na rua para rir de mim. E é justamente por ser feriado que me dou ao luxo de tropeçar e seguir distraída, e, se não há ninguém para rir da minha distração, rio eu mesma, pensando não nas bundas, mas em quem as meteu ali.

Taciana Gayer

Panificadora e Confeitaria

Pão e Vinho

Trabalhamos com livros sob encomenda

(41)3642-3552

Av. Dr. Victor Ferreira do Amaral, 1136 - Centro - Araucária - PR

Revistaria e Livraria
Zanella



(41) 3642-1123

Rua Galha Azul, 269, Jardim Industrial
próximo ao Supermercado Supra - Araucária

**O que existe de melhor
no conceito de cafe-
teria você encontra em
Araucária**



Shopping Araucenter
Av. Victor do Amaral | 1020 | Centro | Araucária | PR
Atendimento das 8h às 20h - sáb. até às 17h



Lulli
PAPELARIA



Fone: 41 3642 1033

Rua Coronel João Xavier, nº682, Centro - Araucária - PR
vendas@papelarialulli.com.br - www.papelarialulli.com.br